

Contos e Lendas de Pace

Os Cinco Reinos

Lucas Petri Gonçalves

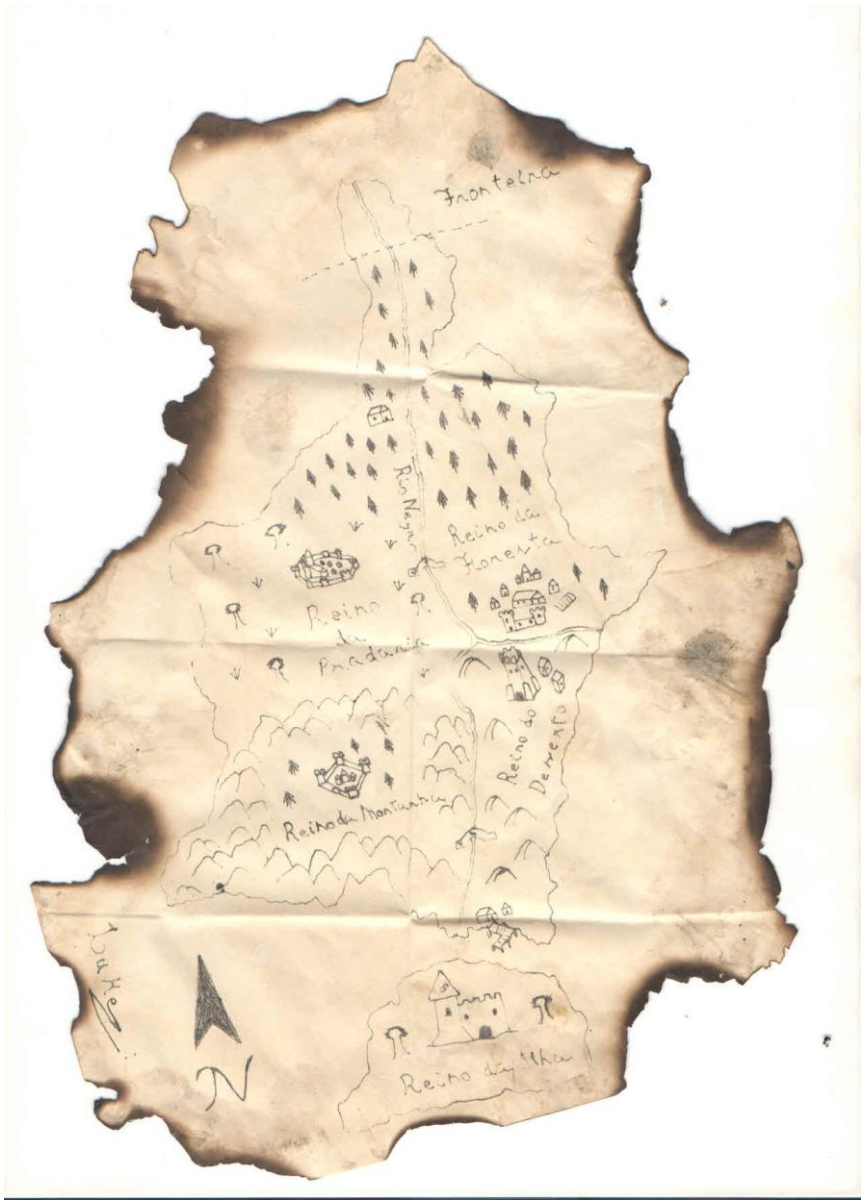
Ilustração

Leonardo T. Amaral

Copyright © 2017 by Lucas Petri Gonçalves

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravações ou quaisquer outros. Esta é uma obra meramente fictícia, qualquer semelhança com fatos, situações ou pessoas é mera coincidência.

Cachoeiro de Itapemirim – ES



Capítulo 1 – Prólogo.....	5	
Capítulo 2 – O exército dos sonâmbulos	8	
Capítulo 3 – O pânico cria remorso.....	29	
Capítulo 4 – Âmagô.....	51	
Capítulo 5 – Benção disfarçada	73	
Capítulo 6 – Não seja negativo.....	91	
Capítulo 7 – Sangue real.....	114	
Capítulo 8 – Dores que não cessam, feridas que não fecham		133
Capítulo 9 – Os fracos são abalados	149	
Capítulo 10 – Aparições	164	
Capítulo 11 – Sombras	182	
Capítulo 12 – Aberração da natureza	195	
Capítulo 13 – Casca de noz	214	
Capítulo 14 – Pensamentos afins.....	232	
Capítulo 15 – Vena Sera.....	248	
Capítulo 16 – Barricadas	263	
Capítulo 17 – Os fazendeiros terão sua vingança.....	275	
Capítulo 18 – Epílogo.....	293	

Capítulo 1 – Prólogo

É um fato de que toda cidade, seja pequena ou grande, nasce da busca de um grupo por crescer e assim viver melhor. Mas isso quase sempre ocorre em momentos muito pretéritos, que se perdem em memórias passadas. E daí surge as lendas.

O mundo, até onde se conhece, é dividido em dois grandes continentes. Eles são tão distantes que é quase impossível manter contato por meios físicos. E assim ficou por muito tempo, até os audaciosos elfos, com sua magia excepcional, conseguirem uma forma de entrar em contato com o mundo humano. Essa é uma das lendas da criação das quatro grandes raças, mas antes dela, o continente de Pace já tinha seus próprios mitos de criação.

Para entender um pouco dessas lendas, é preciso saber que Pace é um continente único, dividido em Hemisfério Norte e Hemisfério Sul. Essas duas partes são conectadas por um estreito de terra inabitado por humanos, mas que serve de passagem para viajantes dos dois extremos. A região norte tem sua política voltada para um governo único, que divide seu poder em várias micro e macro cidades, cada qual com seu governador que segue a política do imperador. O povo habitante possui uma cultura de honra e combate, cujas artes tendem de danças para lutas. Um lugar onde definitivamente o fraco não tem vez.

Já a região sul é dividida em reinos, onde cada um tem seu próprio código de conduta e política. São cinco ao todo, e seus entornos são preenchidos por cidades e vilarejos, que seguem as leis do território que habitam. Como cada reino tem

seu próprio governo, é inevitável que alguns sejam pacifistas, e outros nem tanto. Há conflitos internos, guerras por recursos e territórios e subjugação de culturas. Afinal, onde há pessoas, nunca haverá perfeição.

Mesmo com tantas diferenças de crenças, política e filosofia, há algo em comum entre as culturas que habitam o continente de Pace. Todos creem que a terra que pisam foi habitada primeiramente por um único casal, que acreditam ter de alguma forma vindo do outro continente. Esse casal começou povoando as terras do norte, passando em cada região, construindo vilarejos, que com o tempo se tornavam cidades, e assim que estavam grandes o suficiente, voltavam a ser andarilhos, para completar sua missão de povoar a terra.

Quando chegaram ao Hemisfério Sul de Pace, adotaram um novo método de povoamento, criando núcleos que se expandiam, formando habitações em seus arredores. São os conhecidos reinos atuais.

Acredita-se também que esse casal não era provido de poderes especiais, quanto menos tinham vida eterna. Eram apenas meros mortais, cujos espíritos possuíam uma missão, e por isso se tornaram especiais. Dessa forma, a povoação do continente se deu de maneira progressiva, mas lenta, pois esses dois espíritos precisavam encarnar e desencarnar. A lenda então conta que o nascimento de cada cidade se deu em momentos diferentes da história, e quando um evento importante estava para acontecer, esse misterioso casal de andarilhos surgia e trazia novos horizontes consigo.

Foi assim que Luke cresceu, ouvindo as lendas e contos sobre seu reino. Seu pai, o renomado conselheiro do rei, fazia questão de educá-lo com a cultura do povo, e isso fez com que o menino crescesse curioso e independente, sempre procurando respostas para suas dúvidas. E ele não era a única criança com esses pensamentos, pois na sua geração era colocada uma esperança de um futuro melhor.

Capítulo 2 – O exército dos sonâmbulos

Luke acabara de se levantar e estava muito animado, pois aquele seria o dia de visitar sua família no feudo principal do Reino da Pradaria. O rapaz morava numa pequena cabana dentro de uma floresta ao norte da região, bem distante de qualquer civilização. Escolhera assim para treinar suas habilidades de caça, sobrevivência, arco e flecha, e manejo com a espada.

Seu pai, John Metallomuscoli, trabalhava como conselheiro do rei, portanto, morava no castelo. O irmão mais velho de Luke, Dario, morava na cidade do feudo, junto de sua esposa, chamada Elena, e seu filho recém-nascido, Krist.

Com a cabeça cheia de bons pensamentos sobre seus entes queridos, o jovem foi até o guarda-roupa e pegou tudo que era necessário. Vestiu sua capa longa verde, que possuía um broche na forma de leão, símbolo do reino. Colocou suas botas, calça e blusa pretas, por cima uma longa jaqueta verde e um cinto. Na sua mão direita calçou uma luva de couro, para evitar calos causados pela espada. E esta ele pôs na bainha do cinto, enquanto seu arco levava pendurado nas costas.

Já estava praticamente pronto para partir. Era seis da manhã e o Sol ainda não havia nascido totalmente. Aqueles eram tempos frios no Reino da Pradaria, pois a primavera ainda estava para começar, com suas flores brochando e a neve derretendo. Com tudo terminado, o rapaz trancou a casa e seguiu a estrada que adentrava os altos pinheiros do bosque.

O caminho a se percorrer era longo, quase quatro horas de viagem, e Luke já estava cansado de tanto andar. Quando finalmente decidiu parar para ter um descanso, avistou o primeiro vilarejo antes de chegar ao feudo principal. Ele já conhecia muito bem aquele conjunto habitacional, mas havia tanto tempo que não saía do bosque que se esquecera totalmente dele, então pensou que seria uma ótima oportunidade para repor um pouco da energia numa taverna.

Quando pôs os pés na vila, logo os moradores o reconheceram e deram boas vindas. As crianças corriam ao seu redor, lhe chamando para brincar, e ele gentilmente negava, dizendo que na próxima vez ficaria o tempo que eles quisessem. Entrando no bar que visava, logo encontrou a atendente, uma moça ruiva, alta e bonita.

- Ariadne! – ele chamou-a acenando com a mão.

Ela retribuiu e pediu para o rapaz sentar-se.

- Faz tempo que não o vejo. Se esforçando bastante nos treinos?

- Tentando – ele respondeu simplório – Hoje é dia de visitar minha família, então logo continuarei a viagem.

- Uma pena – a moça disse – Você podia tirar uns dias de folga e nos visitar também.

- Farei isso!

Luke sabia que Ariadne tinha uma queda por ele. Claro que o rapaz gostava de conversar com ela, e também a achava

muito atraente, mas naqueles tempos queria focar apenas em seus treinos, pois achava que precisava adquirir muita experiência, se quisesse realizar seu desejo de viajar por todo o continente.

- Vai querer o de sempre? – a moça indagou.

- Você ainda se lembra do que eu sempre peço?

- Não é muito difícil – respondeu – Porco no espeto, certo?

Ele assentiu com um sorriso no rosto.

Aquela sensação era muito boa. Relaxar numa vila pacata, onde todos te conhecem e recebem bem, se sentar ao balcão de um bar simples, na companhia de uma gentil moça, enquanto se delicia com um bom espeto de porco...

Mas então passos pesados e rápidos interromperam seus doces pensamentos. Ele se virou para ver quem era quando as portas do bar se abriram, e notou que se tratava de um ofegante homem de meia idade.

- O que aconteceu? – Ariadne indagou preocupada – Alguém se feriu?

- Pior que isso! – Disse o homem – Tem fumaça vinda da direção do feudo!

Luke levantou-se da cadeira com um salto. Ele nem falou com mais ninguém, apenas saiu da vila o mais rápido possível.

A esse ponto do dia já se passavam das cinco da tarde. O jovem estava ofegante e morrendo de sede, mas naquele momento só conseguia pensar em uma coisa: sua família. Eles poderiam estar em perigo, na melhor das hipóteses. “Na pior”, Luke pensou engolindo em seco, eles já poderiam estar o observando do outro lado. Afastou imediatamente os pensamentos negativos, pois naquele momento já estava nos campos que rodeavam o feudo.

Seu coração pulava com violência. O que o senhor dissera era verdade, daquela distância o rapaz podia ver claramente a fumaça preta subindo, e muito barulho vindo do lado de dentro. O portão levadiço estava destruído, e ele julgou imprudente entrar numa batalha daquela forma, então buscou uma alternativa para se infiltrar.

Ele olhou para todos os lados, para ter certeza de que o inimigo não o veria. Após verificar, tirou de sua mochila um arpéu, que o ajudaria a escalar os grandes muros que cercavam a cidade. Começou a rodar a corda que prendia a ferramenta, e com habilidade, conseguiu lançá-la no topo do muro, certificando-se com um puxão se estava seguro.

Havia um poço cercando toda a cidade, então ele precisou pulá-lo, balançando-se na corda e aterrissando no muro da cidade. Quando conseguiu, começou a escalar com cuidado até chegar ao topo, e então usou uma cobertura para se esconder e observar.

Seu coração disparou ainda mais após ver aquele cenário caótico. Sangue, gritos, lágrimas e desespero. Muitos

corpos estavam deitados ao chão, imóveis, até que em meio a eles um vulto se mexeu.

- Mas o que é isso? – Luke indagou para si mesmo incrédulo.

Bem ali, abaixo de seu nariz, estava uma criatura horrenda, cuja face já não tinha mais órbitas, e a pele era escura e ressecada. Seu caminhar era torto, e ele segurava uma espada torta e enferrujada. O cheiro de cadáver imediatamente impregnou as vias respiratórias do jovem.

Não conseguia nem acreditar. Imaginou que aquela criatura só poderia ter surgido de uma tumba do pesadelo de alguém, talvez dele mesmo. Mas logo surgiram mais, saindo de dentro das casas em chamas, ou correndo atrás de vítimas. Luke mordia sua mão nervoso, com pensamentos a mil e tomado de medo. De qualquer forma, precisava pensar em algo, antes que fosse tarde demais para sua família. Então ele notou o telhado das casas mais próximas, e aproveitou essa chance para passar pela cidade sem ser visto.

Ele pulava de telhado em telhado, procurando não desviar sua atenção para baixo, com o risco de ficar nervoso e errar os passos. Finalmente, depois de alguns minutos caminhando pelo alto, chegou ao telhado de uma grande casa em frente a um campo que rodeava o palácio do feudo. Não parecia ter sinal de monstros, apenas corpos caídos e muito sangue.

Luke desceu do telhado da casa por meio de uma árvore alta que crescia ao lado. Assim que chegou ao solo, caminhou em direção ao castelo, tentando não fixar o olhar nas pessoas jogadas ao chão, mas ainda sim uma ânsia de vômito surgia e o deixava cambaleante. Quando chegou aos portões do jardim do castelo, notou que eles estavam totalmente arrebentados, mas não havia sinal de inimigos, por enquanto. Ele então se apressou e entrou, já com sua espada desembainhada.

Quando chegou ao saguão principal, já colocou em sua cabeça que precisava achar seu pai. John trabalhava no segundo andar, e o rapaz acreditava que ele ficaria trancado em seu escritório, pois combate não era seu forte.

O rapaz subiu a escadaria principal, mas por descuido, acabou não notando os passos acima dele. Ele se espantou quando viu duas criaturas empunhando maçãs surgirem por trás das colunas de mármore, e num rápido reflexo, se esquivou do primeiro golpe. O monstro se desequilibrou e o rapaz terminou de empurrá-lo escada abaixo. O segundo adversário não perdeu tempo e tentou acertá-lo com um golpe vertical, mas Luke evadiu e passou com velocidade sua lâmina nos pulsos da criatura, que foram cortados e deixaram a maçã cair. Para finalizar, o rapaz desferiu um golpe diagonal, cortando na metade o crânio do inimigo, mas para seu desespero, foi como se não surtisse efeito algum, pois o monstro pulou em cima dele e tentou mordê-lo a todo custo. Com esforço, Luke conseguiu afastá-lo e o empurrar da escadaria, fazendo-o rolar até a base desta, como fez com o primeiro monstro.

O rapaz sentou-se no chão, ofegante. Ele observou as criaturas caídas no chão, e notou que ainda se mexiam, então seria questão de tempo até subirem a escada novamente. Não imaginou que seriam tão fortes, e pior de tudo, imortais. Queria saber o que exatamente estava acontecendo. O que eram aqueles seres, e por que estavam atacando o feudo? Entretanto, ainda não tinha tempo para parar, descansar ou refletir. Precisava achar seu pai rápido, e darem o fora o quanto antes.

Luke então se levantou e começou a andar pelos corredores do segundo andar. O escritório de John ficava lá perto, e para a sorte do rapaz, não havia sinal de mais inimigos por ali. Quando chegou a seu destino, seu rosto ficou pálido no mesmo instante. Em frente à porta do escritório, com o nome “John Metallomuscoli”, havia uma enorme mancha de sangue que se arrastava para dentro. Ele colou os ouvidos na porta, mas não conseguiu escutar nenhum ruído, então vagarosamente entrou.

Para seu desespero, a sala estava virada de cabeça a baixo. Sangue era visto por toda a parte, e sem sinal de vida. Foi quando o jovem notou em cima de uma escrivaninha, intacta, uma folha de papel. Ele a pegou e começou a ler seu conteúdo.

“Para meu filho Luke. Eu tinha certeza que você viria até meu escritório logo que soubesse do ataque, mas agora me parece tarde demais. Se está lendo essa carta, significa que já não estou mais nesse plano. Esse dia ia eventualmente chegar, mas não imaginei que seria tão cedo. Os mensageiros nos avisaram do ataque nos outros reinos, mas não foi rápido o

suficiente para evacuarmos toda a cidade. Não se preocupe com seu irmão, pois ele levou a família para se refugiarem. Fuja também e procure por ele, que está em algum lugar nas...”.

A mensagem terminava abruptamente, como se tivesse sido interrompida.

Lágrimas de tristeza e raiva escorriam pelos olhos do rapaz. Ele havia perdido seu amado pai, e não podia ter certeza se seu irmão conseguira realmente escapar. Luke estava totalmente abalado, não podia nem pensar em uma punição severa o suficiente para o assassino de sua família. Naquele instante só queria matar o responsável por tudo aquilo.

- Eu prometo, pai – ele disse para si mesmo enquanto amassava a carta com uma das mãos. – Eu descobrirei quem fez isso, e vou fazê-lo pagar com a vida!

De repente, escutou gritos vindos de fora do escritório.

- Monstros malditos! Vou acabar com todos! – ele gritou e saiu em disparada.

Seguindo as vozes, se viu subindo até o terceiro andar do palácio. Ele chegou à outra espécie de saguão, onde havia quatro criaturas tentando derrubar uma grande porta de madeira. Com seus gritos de raiva, os monstros tiraram o foco da porta e passaram para o rapaz, vagarosamente se aproximando dele.

Luke, com sua mente repleta de ódio, transformou seu medo em uma desesperadora arma de combate. Avançou no primeiro inimigo, sem ao menos sacar sua espada. Segurou sua mão que empunhava um facão e estava prestes a atacar, e com agilidade, jogou o corpo do adversário por cima dele, fazendo-o cair com força no chão. O segundo não teve tempo de reagir, pois Luke acertou um pesado chute horizontal em seu peito, o lançando para cima do terceiro monstro. Os dois caíram, e Luke finalmente sacou sua espada para cravá-la nos dois ao mesmo tempo. Enquanto isso, o quarto inimigo tentou golpeá-lo enquanto sua espada estava presa, mas o rapaz rapidamente a levantou e cortou cabeça e braços do monstro, que erguia uma grande clava de metal, pronto para um golpe vertical.

Luke se afastou ofegante de tanta energia desnecessária que gastou. Mas não fora o suficiente para derrotar as criaturas, pois estas já se levantavam prontas para a próxima rodada. Então sem opções, Luke forçou sua entrada no cômodo que os monstros tentavam invadir. Com um pesado chute, ele conseguiu arrombar a tranca, e entrou desesperado. Nem prestou atenção no que havia lá dentro, apenas preocupou-se primeiro em colocar sua espada nas maçanetas, para evitar que o inimigo entrasse.

Mas agora que estava seguro, virou-se para descobrir quem estava se escondendo naquele quarto. Foi então que viu uma figura atrás de um guarda-roupa.

- Tudo bem – o rapaz tentou acalmar, quem quer que fosse. – Eu não sou um deles.

Então vagorosamente a pessoa foi saindo de seu esconderijo, até revelar-se. E quando o fez, Luke teve uma grande surpresa.

- Princesa Mary!

De trás do guarda-roupa saiu uma bela jovem, de cabelos longos, ondulados e negros, e parecia ter a mesma idade que ele.

- Você me conhece?

Era difícil não conhecer a família real, principalmente para casos como o de Luke, que tinha um pai trabalhando dentro do castelo. Ocasionalmente o rapaz, quando era ainda criança, brincava nos jardins do castelo com os filhos dos criados, e às vezes tinha a oportunidade de ver a menina passeando com suas acompanhantes. Quando ficou mais velho tornou-se mais raro vê-la, mas conseguia quando ela passeava na cidade para ver seu povo. Luke, assim como todos os moradores do feudo, possuía extrema admiração pela família real, grato pela sua bondade e generosidade. E lá estava uma grande oportunidade para o rapaz ser útil para eles.

Diante da pergunta, rapidamente afastou os pensamentos.

- Sim, milady – ele respondeu curvando-se. – Não poderia me esquecer da filha dos Vero Core.

Era o sobrenome da família real.

- Por favor, erga sua cabeça – ela aproximou-se e fez um gesto de mãos em pedido. – E seu nome, qual seria?

- Sim – o rapaz se levantou. – Me chamo Luke Metallomuscoli.

A moça abafou uma exclamação.

- O filho de John! – finalmente conseguiu dizer. – Seu pai é um homem honrado.

Luke sentiu uma pontada no peito e abaixou o olhar no mesmo instante.

- Era – respondeu.

Mary tapou a boca chocada.

- Temo pelos meus pais também – ela disse. – Eles me mandaram ficar trancada no meu quarto, mas faz horas que eles me deixaram.

Luke serrou os punhos. Não podia falar isso para ela, mas era óbvio que o rei e a rainha já estavam mortos também. O pior acontecera, e agora, uma cidade sem reis, não tinha mais chance de ser salva.

- Escute, princesa – ele continuou. – Eu aprendi vivendo na floresta que nesses momentos precisamos ser frios. Eu quero muito procurar meu irmão e meu pai, mas antes temos que sobreviver a todo custo. Nossas vidas devem vir em primeiro lugar.

A moça enxugou as lágrimas com as costas das mãos.

- Você tem razão. Por favor, indique o caminho!

Mas antes disso Luke deu uma boa olhada na moça, da cabeça aos pés. Ela estava trajando um fino vestido rosa, e que na opinião dele acentuava a beleza provocante da princesa. Mas não era uma roupa adequada para correr, e isso poderia atrasar a fuga dos dois.

- Algum problema, Luke? – Mary reagiu ao olhar do jovem.

- Na verdade – respondeu depois de pigarrear – esse vestido vai nos atrapalhar nessa situação. Sua majestade não tem nenhuma veste mais leve?

- Tenho minha roupa de caminhada.

Ela voltou até o armário onde estava escondida e retirou uma peça de roupa dele.

- Acredito que esta se encaixa bem. Poderia virar-se para o outro lado? – ela pediu em face ao olhar curioso do rapaz.

- Claro! Mil perdões, princesa – ele disse virando-se.

- Pode me chamar apenas de Mary – comentou enquanto se trocava. – Afinal, somos iguais perante Deus.

O rapaz não conseguiu esconder um sorriso. “Era de se esperar gentileza da família real”, pensou.

- Estou pronta!

Luke virou-se, e ficou satisfeito com a aparência da jovem. Ela vestia uma túnica azul escura com uma calça justa, e cabelo preso em um rabo de cavalo.

- Perfeito! Assim poderá correr livremente.

Aquele era um momento de tensão. Do outro lado da porta estavam as criaturas, prontas para atacar, e o rapaz já escutava há um tempo as batidas deles na madeira. Ele pegou o cabo de sua espada que estava presa nas maçanetas.

- Após eu retirá-la da porta, fique atrás de mim e espere uma chance para sair – o jovem avisou.

- Não! Espere! – Mary disse. – Podemos usar outro caminho.

A princesa o levou até a sacada de seu quarto, e mostrou que ao lado havia outra sacada que dava próximo no cômodo.

- É bem perto – o rapaz observou.

- Sim! Eu faço esse salto desde adolescente. Não é difícil de alcançar.

Luke ficou um pouco surpreso, mas acreditava na moça.

- Pule primeiro – ele disse. – Assim que fizer, vou buscar minha espada e correr para cá.

A moça assentiu.

O jovem a observou com o coração na garganta. A princesa subiu no parapeito da sacada e posicionou bem seus pés, direcionados para a outra sacada. Ela estendeu seus braços para frente, ficou na ponta dos pés, flexionou seu joelho e saltou. Com precisão ela aterrissou no parapeito da outra sacada, e desceu em segurança. Luke suspirou aliviado.

- Já volto – ele avisou.

Quando retornou para buscar sua espada, segurou-a pelo cabo e respirou profundamente. As portas balançavam com violência, e o jovem conseguia ouvir os gemidos que vinham do outro lado. Sua mão tremia de medo, mas não podia sequer pensar em abandonar a única arma que estava disponível no momento.

Em pensamentos ele foi se incentivando, até que em um rápido movimento retirou a espada das maçanetas e correu, sem olhar para trás. Pôde ouvir o momento em que as portas se abriram bruscamente, mas já estava na sacada, e com habilidade ele pulou, caindo diretamente na outra. Mary o puxou para dentro do cômodo no mesmo instante, e os dois se jogaram no chão, aliviados.

Luke levantou logo em seguida, pois não tinham tempo para perder.

- Precisamos aproveitar que eles estão dentro do outro cômodo para escapar – o rapaz sugeriu, estendendo a mão para ajudar Mary a se levantar.

- Espere – ela disse antes que o jovem prosseguisse. –
Eu tenho mais uma ideia.

O rapaz ficou interessado, pois a moça se mostrara muito engenhosa com suas fugas. Então parou para escutar.

- Há uma passagem secreta nos aposentos dos meus pais. Ela leva para fora do castelo, e garanto que é segura.

Luke pensou por alguns segundos.

- É a única em todo o castelo? – indagou.

- Não. Tem outra no porão, mas temos que passar pelo saguão principal. A passagem do quarto é mais próxima.

A verdade era que Luke queria evitar qualquer contato com algo relacionado aos reis, pois havia a chance de encontrá-los mortos, e isso provocaria um choque na moça. Mas precisava priorizar a segurança dos dois, e se deslocar até o saguão poderia aumentar as chances de encontrar inimigos.

- Acho que está decidido então – o rapaz disse.

Ele abriu a porta do aposento em que estavam e mandou Mary correr o mais rápido possível. A moça ia à frente, mostrando o caminho, e Luke ficava na retaguarda, observando se não estavam sendo seguidos. Mas para a sorte dos dois, além de pouca inteligência, as criaturas também eram muito devagar.

Assim que chegaram à porta do quarto desejado, o jovem notou uma hesitação na moça. Ele repousou uma das mãos no ombro dela.

- Precisamos ir logo. Eles já vão chegar.

Então a moça mordeu os lábios e abriu a porta. Para seu alívio, o quarto estava intocado, mas também não havia sinal de seus pais. Luke entrou junto com ela e fechou a porta atrás de si, trancando-a.

Enquanto ele esperava, Mary correu para onde estava um grande gaveteiro, o removeu e retirou o carpete que cobria o chão abaixo. Era um bom esconderijo para uma passagem secreta.

- Aqui está – a moça apontou o alçapão que fechava a passagem.

Ela o abriu, e Luke deu uma boa olhada para dentro dele. Além de terrivelmente escuro, o cheiro de mofo estava por toda a parte.

- Essa passagem fica dentro de um pilar falso no andar de baixo, onde fica uma sala de estoque – explicou.

“Muito engenhoso”, pensou o jovem.

- Mas faz anos que ela não é usada – Mary concluiu.

- Então é melhor eu ir à frente.

A princesa concordou tocando os lábios, nervosa.

E assim Luke desceu, degrau por degrau. Era uma escada não muito firme de madeira, mas estava indo tudo bem até então. Mas de repente um dos degraus cedeu, e no

desespero o rapaz tentou se agarrar em outros degraus da escada, despedaçando-a e fazendo-o cair.

Assustada, a moça ouviu o grito do jovem acompanhado do estrondo de seu corpo caindo no chão.

- Meu Deus! Luke! – chamou preocupada.

- Eu estou bem – sua voz ecoou do buraco. – A terra afofou minha queda.

Mary suspirou aliviada.

- E como vou descer agora?

- Você terá que ir pelo porão – Luke disse depois de uma pausa.

O coração da garota pulsou forte de medo. Sem chance que ela conseguiria sair naquele lugar cheio de monstros.

- A outra passagem dá aonde? – o rapaz perguntou.

- Na parte leste do castelo – a moça informou. – E esta na parte norte.

- Então me escute bem. Você irá correr desse aposento o mais rápido possível, chegar até a outra passagem e atravessá-la até o fim. E me espere lá que vou a seu encontro.

As pernas de Mary tremiam. Sabia que um erro nessa tarefa poderia ser fatal.

- Seja fria, Mary, não pense em nada. Apenas corra – o rapaz deu suas últimas palavras de incentivo.

Ela não tinha mesmo escolha, então precisou aceitar.

- Tudo bem. Mas me encontre o mais rápido possível!

Dito isso, a moça seguiu até a porta do aposento. Ela colou o ouvido na madeira e tentou escutar algo do lado de fora. Sem resposta, vagarosamente abriu-a e olhou para todos os lados. Não notando nenhum inimigo, ela prosseguiu.

Sem dificuldades atravessou todo o terceiro e segundo andar. Vez ou outra encontrou com um monstro, mas com paciência e nervos no limite do controle conseguiu passar despercebida, até que finalmente alcançara o saguão principal. Seu erro foi ficar impaciente e correr, para chegar logo ao seu destino. Os passos e respiração pesada chamaram a atenção das criaturas que estavam logo abaixo da escadaria. Enquanto ela descia, eles começaram a subir em sua direção.

Tomada pelo medo, Mary pegou uma espada que estava jogada junto com um corpo na escadaria e avançou nas criaturas. Com um golpe ela perfurou o peito de uma delas, jogando-a por cima das outras, e soltando a espada logo em seguida. Aproveitou essa chance para correr e escapar.

Assim que teve sucesso em sua fuga, tratou de seguir até o porão do castelo. Seu acesso era por meio da cozinha, em um canto onde havia uma escada de madeira que levava para o subterrâneo. Aparentemente se tratava de um depósito no subsolo, mas quando Mary removeu um engradado grande no

chão, revelou outro alçapão secreto. Ela o abriu e desceu suas longas escadas, que davam em um corredor escuro e extenso. Seguiu até seu fim, que chegava a outro alçapão de madeira. Quando o abriu, finalmente pôde ver a luz pálida da Lua e sentir o ar puro em seus pulmões.

Não demorou muito e viu Luke se aproximando, correndo e ofegante. A moça não conseguiu conter as lágrimas, e procurou nos braços do rapaz algum conforto. Sem jeito, ele afagou sua cabeça, notando o sangue do inimigo manchando as roupas da moça, e suas pernas tremendo. Tinha sido uma experiência mais traumática do que imaginou.

Então voltou sua atenção para a cidade, que ainda era cenário de chamas e caos. Ele afastou Mary, segurando em seus ombros, e olhou fixamente em seus olhos.

- Ainda não estamos seguros. Precisamos sair do feudo o quanto antes.

Assim que a garota tomou fôlego e limpou as lágrimas, os dois companheiros continuaram a fuga. Optaram por passar pelos campos do feudo, usando as sombras dos arbustos e árvores para ocultarem sua presença. Para a sorte dos dois, não encontraram nenhum inimigo no caminho, pois estes estavam concentrados nas regiões residenciais. Quando chegaram aos portões da cidade, infelizmente se depararam com vários monstros.

Não havia outra saída, então Luke precisou arriscar a vida novamente. Ele virou-se para Mary.

- Eu vou distraí-los enquanto você fica aqui. Quando abrir uma brecha, fuja o mais rápido que puder para as florestas do leste.

- Mas assim você vai ser pego! – a princesa protestou preocupada.

- Tenho plena confiança nas minhas habilidades. Acredite, não vou vacilar.

E sem dizer mais nada, Luke saiu das sombras e ficou de frente com o grupo de criaturas que bloqueavam a saída.

- Ei! Cadáveres ambulantes! – ele gritou chamando atenção.

O plano surtiu efeito, pois as criaturas viraram sua atenção para o rapaz e começaram a segui-lo, deixando o portão livre. Luke retirou seu arco das costas e flecha por flecha ele acertava o inimigo com tiros certos na cabeça. Mas como imaginou, nada os derrubava. Entretanto, sua ideia havia funcionado, pois viu o momento em que Mary saiu do esconderijo e conseguiu fugir pelos portões da cidade.

“Muito bem”, disse consigo mesmo. “Agora é minha vez”.

O rapaz guardou seu arco e sacou a espada. Com suor pingando do rosto e as mãos tremendo, foi de frente contra o inimigo. Sua destreza, apesar do medo, não foi falha, e com movimentos rápidos ele avançava em meio aos adversários, defendendo golpes e contra atacando. Quando conseguiu passar

dos portões e atravessar a ponte, viu Mary a sua frente, o esperando aflita. Ele pegou a mão da moça e a guiou para bem longe, em direção à floresta a leste do feudo.

Capítulo 3 – O pânico cria remorso

A noite na floresta não era menos assustadora que na cidade em chamas. O medo de serem atacados a qualquer hora era iminente, e os ruídos que vinham das sombras pioravam ainda mais a situação.

Com um pouco de procura, e graças às habilidades de sobrevivência de Luke, os dois companheiros encontraram abrigo em um tronco oco de uma grande árvore morta, mas ainda em posição de vida. O rapaz entrou primeiro, verificando que o local era seguro, e em seguida Mary o acompanhou.

- Teremos que passar a noite toda aqui – o jovem informou, tentando se ajeitar em uma posição confortável.

Notou então que a moça tremia de frio, e tratou de buscar algo em sua bolsa para aquecê-la.

- Isso vai ajudar – disse entregando uma capa grossa e cinzenta para ela.

A moça pegou e se cobriu com ela. Então se aproximou do rapaz e ficou encolhida ao seu lado.

- Obrigada, Luke – agradeceu. – Por tudo até agora.

- Precisamos nos ajudar nos piores momentos – ele respondeu. – Agora durma para poupar energias.

Mesmo dizendo isso, ele mal conseguiu pregar os olhos, enquanto que Mary dormiu em instantes, fatigada do dia de

terror que teve. Mas Luke não podia descansar, devido aos pesadelos que lhe assombravam.

Em um de seus sonhos, ainda estava dentro do castelo em chamas. Ele podia sentir o calor físico delas, até que em um momento sua angústia foi tão grande que acabou despertando.

Assim que abriu os olhos, notou uma fresta no tronco da árvore onde a luz entrava e batia exatamente em seu rosto. Ele levantou-se, e viu a moça ao seu lado, ainda dormindo. Suavemente pousou uma das mãos no ombro dela.

Alguns segundos depois ela acordou, se espreguiçando e bocejando.

- A noite passou rápido – comentou, esfregando os olhos semicerrados.

- Não para mim – o rapaz respondeu. – Não consegui dormir com tantos pesadelos.

Depois de alguns instantes pensando, Mary quis saber o que fariam dali em diante.

- Para onde nós vamos agora?

- Há um feudo um pouco distante daqui. Imaginei que poderíamos pedir ajuda a eles.

- O Reino da Floresta, não é? – a moça fez a pergunta retórica. – Seria o melhor a se fazer.